

MACUNAÍMA E NGUNGA, OU A CIVILIZAÇÃO EUROPÉIA E A INTEIREZA DE NOSSO CARÁTER*

Márcio Araújo de Melo**

A nossa luta é baseada na nossa cultura,
porque a cultura pe fruto da história e ela é
uma força.

Amílcar Cabral

Pensar a rapsódia de Mário de Andrade, *Macunaíma*, e *As aventuras de Ngunga*, do escritor angolano Pepetela, sem dúvida, é refletir sobre as questões que envolvem a construção da cultura e da identidade nacionais, mesmo sabendo que estas obras não se resumem nesta simples colocação, ao contrário, devemos partir delas para ampliar o leque de problemas. A tentativa de delimitar e conceituar a cultura nacional brasileira tem sido palco de debates interessantes, nos quais se embrenharam, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado, Câmara Cascudo, Alfredo Bosi, Renato Ortiz, para citar apenas alguns casos brasileiros. Da mesma forma que Alfredo Margarido, Carlos Everdosa, Costa Andrade Benjamin Abdala, Maria Aparecida Santili, Frantz Fanon, Fernando Mourão, tentaram repensar e debater a cultura e a identidade do povo angolano.

Macunaíma, com sua ambigüidade característica, atraiu para si todo esse embate teórico, inscrevendo-se “no quadro de perplexidade que tem por nomes *Retratos do Brasil*, *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil*, todas obras pensadas em um tempo dilacerado pelo desejo de compreender o País, acusar as suas mazelas, mas remir a hipoteca das teorias colonizadoras e racistas que havia tanto anos pesava sobre a nossa vida intelectual”.¹ Mário de Andrade cria mais

* - Este artigo é parte da dissertação de mestrado *Macunaíma e Ngunga: um caso de identidade nacional*, orientada pelo prof.º Dr.º Manoel de Souza e Silva, defendida na Faculdade de Letras da UFG.

** - Doutorando na FALE – UFMG e professor da FAFICH – Goiatuba/Go.

¹ - BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988, p. 139.

um marco desta “luta” na construção do homem brasileiro, deixando fluir todos os questionamentos que vinha tendo a respeito dele, num refletir de seus valores e características. Construir um Brasil *desgeográfico* e a-histórico, que longe de resumir o homem brasileiro, o torna ambivalente, são alguns pontos discutidos por Cavalcanti Proença, Telê Porto Ancona Lopez, Gilda de Mello e Souza, Haroldo de Campos, José Guilherme Merquior, Alfredo Bosi... Cada um à sua maneira, revelou mais uma faceta desta obra-prima da literatura brasileira, mesmo havendo leituras que de certa forma discordavam entre si, estavam apenas reforçando a grandiosidade do *herói de nossa gente*.

A inserção da obra de Mário de Andrade na cultura brasileira segue, inicialmente, dois movimentos, que não são, necessariamente, contrários; o primeiro estaria ligado a uma interpretação contextual da obra, onde Mario de Andrade busca compreender o nacional. O herói seria o *herói de nossa gente*, mesmo que *sem nenhum caráter*. O segundo estabeleceria vínculos com o mundo estrangeiro, o *herói*, não conseguindo superar a influência da cultura européia, trairia sua possível identidade nacional, ora se amulherando com uma portuguesa, ora buscando uma vigem para Europa, ou tornando-se branco, príncipe encantado, construindo a negação dos valores nacionais e privilegiando os estrangeiros.

Em *Macunaíma*, se optará pelo primeiro movimento, principalmente no embate que se dá entre o *herói anti-heróico* e Vei, a Sol; em *As aventuras de Ngunga*, se deterá mais na relação que o Pioneiro do MPLA estabelece com as tradições. Entretanto, não se deixará de remeter, quando oportuno, aos conflitos construídos entre eles e o mundo estrangeiro.

No segundo capítulo da rapsódia marioandradiana, *Maioridade*, se tem uma primeira menção de a Vei, a Sol, exatamente no momento que Macunaíma está em fuga do Currupira, que quer come-lo. Ela aparece, sem muita relevância, no meio da primeira de uma seqüência de

futuras inúmeras fugas do *herói* contra alguns de seus antagonistas: Currupira, Boiúna,velha Ceiuci, Pietro. Assim, se dá pouca atenção à aparição e à importância de tal personagem para a narrativa, pois os esforços se centralizavam no embate que se trava entre Macunaíma e o Currupira. Este mostrar-se de Vei, a Sol, na narrativa, neste momento, serve apenas de ilustração, de complemento à paisagem na formação da cena. Não se tem ainda nenhuma definição mais complexa da *velha Vei*; sabe-se somente que ela *relempeava nas gotinhas de chuva debulhando luz feito milho*.² É o Currupira que, antes de todos, descobre que Macunaíma já não é mais uma criança, pois praticou um ato mau e que isso é atitude de gente grande. Neste sentido, o Currupira tem, para padronizar o adulto, a mesma concepção que Ngunga. Para eles, tornar-se adulto é possuir algumas características típicas deste, que vão se apresentando quando se começa a crescer, como a inveja, a maldade, o egoísmo.

Então [Macunaíma] contou o castigo da mãe por causa dele ter sido malévolo pros manos. (...) O Currupira olhou pra ele e resmungou

— Tu não é mais curumi, rapaiz, tu não é mais curmi não... Gente grande é que faiz isso... (M 17)

O Currupira dá a Macunaíma uma fórmula para se conhecer as pessoas adultas, a partir de suas ações, a mesma que Ngunga constrói no decorrer de suas, quando vai descobrindo, em suas viagens, o mundo angolano. A transformação de Ngunga em adulto desmonta sua própria concepção a respeito dos homens, transformando-se, ao que tudo indica, naquilo que buscava nas pessoas— um *homem-criança*. Macunaíma, por sua vez, tinha cara de piá e corpo de adulto. Já professor União seria o melhor exemplo, pois tem muito de criança nas suas ações, segundo o

² - ANDRADE, Mário. *Macunaíma, herói sem nenhum caráter*. Paris: Associetien Archives de la littérature latino-américaine, des caribes ete africaine du XX^e siècle, Brasília: CNPq, 1974, p. 18. Todas as citações da rapsódia são dessa edição.

conceito do Pioneiro. — *Não* — disse Ngunga — *O camarada professor é capaz de ser ainda um bocado criança.*³

Quando “criança”, antes do Currupira ter lhe dito que já se tornara uma adulto e a cotia ter lhe jogado *caldo envenenado de aipim*, Macunaíma já havia *brincado* com Sofará, para isto, deixa de ser criança transformando-se num príncipe encantado. Antes também de sua *maioridade*, o herói caça uma anta e desde criança já pegava nas graças das cunhas. Semelhante atitude vemos em relação a Ngunga que, mesmo sendo criança e tendo reações infantis, faz coisas que só uma pessoa adulta poderia executar, ou pelo menos, o que se esperaria de uma pessoa adulta. Como, por exemplo, nas ações que tem quando é preso, ao contrário de entrar em pânico, resiste perante o colonizador.

Em seu segundo aparecimento na narrativa, Vei, a Sol, antecede uma outra transformação do herói de nossa gente, desta vez, após *brincar* com Ci, Mãe do Mato, tornando se o Imperador do *Mato-Virgem*. A rainha das icamiabas é a grande paixão de Macunaíma, porque eles *brincaram* na rede que a *marvada* teceu com seus próprios cabelos. Ela é a doadora da muiraquitã, que o fará ser bem recebido em qualquer lugar com honras. Ci será a terceira mãe que surge na rapsódia marioandradiana, todas ligadas de alguma forma a Macunaíma. A primeira, sua mãe, que morre flechada, quando ele caçava uma veada parida. A segunda, Vei, a Sol, a mãe do clima tropical, condutora dos passos de Macunaíma aos seus processos de metamorfoses. Por último, Ci, Imperadora, guerreira amante e sobretudo Rainha das icamiabas.

Ci, mesmo sendo uma personagem complexa, é índia da tribo das Amazonas, ao mesmo tempo a mãe do mato, mas, não deixa de possuir a simbologia do nacionalismo, é o espírito criador e protetor da natureza brasileira, uma representação alegórica de nossa geografia. Este

³ - PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1983, p. 30. Todas as citações da rapsódia são dessa edição.

simbolismo aumenta se pensar que Macunaíma chega até ela empurrado por outra mãe — Vei, a Sol —, e assim temos o povo brasileiro, através de seu herói casando-se com a natureza tropical. E tudo isto a partir de uma situação criada pela Sol, isto é, pelo clima.

Ao contrário do que ocorre na obra de Mário de Andrade, o casamento de Ngunga com Uassamba criaria a impossibilidade de uma progressão do protagonista, progressão esta que ele próprio estipulou para si, que era construir um *novo mundo*. Auxiliado por uma das personagens centrais — Comandante Mavinga — Ngunga consegue repensar seu papel. Destruir as tradições negativas, *alambamento* e *poligamia*, que impediam sua união com Uassamba, era mais que roubar a jovem esposa do velho Chipoya, era destruir as estruturas deste sistema de tradições, que não constrói, reproduz velhos padrões. E Mavinga, tal com Vei faz com Macunaíma, conduz Ngunga à sua verdadeira Luta. De forma consciente, Mavinga provoca em Ngunga uma reflexão dos valores nacionais e das tradições negativas. O nacionalismo, em **As aventuras de Ngunga**, passa por um processo de reflexão, questionamento e busca. São situações que só continuarão a acontecer se cada pessoa, a começar de Ngunga, fizer o seu processo de ida à escola, o único lugar para o Comandante Mavinga onde as pessoas deixam de ser ignorantes e passam a ser escutadas.

As figuras morrem para seus amantes. Ci, após a morte de seu filho com Macunaíma, não tendo mais razão de viver, vira a *Beta do Centauro*, Uassamba morre para Ngunga, quando ele descobre seu casamento com o velho Chipoya e ele era incapaz de pagar o alambamento para ficar com ela. Tornando-se impossível o enlace daquelas personagens, elas, então, unem-se por um pacto espiritual. Macunaíma recebendo da Imperadora das icamiabas a muiraquitã, que simbolizará os momentos vividos junto da *marvada*. Ngunga recebendo um novo nome de Uassamba, que simbolizará, além de sua passagem ao estágio de adulto, seu compromisso de luta contra as tradições negativas.

A terceira aparição de Vei, a Sol, na narrativa ocorre no momento que Macunaíma se dirige pa São Paulo em busca de sua muiraquitã. A *velha* Vei, neste momento, vai mais além do que prenciar uma das inúmeras transformações do *herói de nossa gente*, ela o guia, conduzindo seus desejos. Vei leva Macunaíma ao encontro das águas do *Pezão de Sumé* — que pregava o *evangelho pra indiada brasileira* —, para que ele recebesse a *brancura* do europeu e, juntamente com Jiguê e Maanape, formassem as três raças que constituem o homem brasileiro: ... *os três manos um loiro um vermelho outro negro*.

O “aculturar-se” de Macunaíma, nas águas mágicas de Sumé, não significa aceitar a cultura européia, mas mescla-la com o que se tem de nacional, pois, das mesmas águas que transformaram o corpo do herói em branco, nascem as raças que compõem o povo o Brasil.

Da mesma forma que Macunaíma não assimilou totalmente a cultura européia com o banho nas águas frias da lapa, mas apenas passou por mais uma fase do processo de transformação necessário aos heróis, e como *todo herói não é senão o amálgama magistral dos caracteres de um povo, que o elabora na sua inexaurível força criadora*,⁴ ele representa uma das inúmeras possibilidades de pensar o homem brasileiro.

O processo de transformação ocorrido na prisão do colonizador, não torna Ngunga um assimilado, mas, ao contrário, leva-o a compreender mais os processo de dominação do branco, percebendo todas as artinhas que o colonizador cria para tentar destruir o colonizado. Ngunga tem, como Macunaíma, alguém que vai seguindo suas ações, levando, ensinando, mesmo que este alguém não fique presente, mas demonstre de alguma forma seus ensinamentos. Quando professor União é preso, juntamente com Ngunga, e não fala quais eram os conteúdos das cartas que Mavinga recebia, resistindo a tortura, leva o Pioneiro a orgulhar do amigo. O professor de

⁴ - Luis Toledo Machado, *O herói, o mito e a epopéia*. São Paulo: Editora Alba, 1962, p. 84.

Ngunga passa a ser um herói, não só para ele, mas para todo o povo. Ngunga contará a resistência de União e ele se tornará um modelo.

A próxima aparição de Vei, a Sol, será no capítulo VIII, que possui seu nome, no qual Macunaíma promete se casar com uma de suas três filhas, mas acaba desrespeitando as ordens de sua futura sogra e vai brincar com uma portuguesa.

— Meu genor: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Baía. Mas porém você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhas por aí. M p. 69

Neste capítulo será a primeira vez e única, que Vei, a sol, se *humanizará*, suas aparições anteriores estão mais carregada de seu reflexo do que propriamente de sua presença. Vei lhe propõe o casamento para que se estabeleça um vínculo entre eles para a construção do mundo nacional. Até por que, Vei simboliza a mãe do clima tropical. O *herói*, depois de ter rompido se laço afetivo com Ci, ou apenas preso pela muiraquitã em mãos de Pietro Pietra, necessitava restabelecer um novo vínculo com a *natureza*, com o clima tropical, na tentativa de se caracterizar enquanto símbolo nacional.

Da dificuldades para vincular-se ao nacional, a escola é um dos maiores obstáculos para Ngunga. Primeiro por ele ter uma concepção preestabelecida do que ela seria: *um sítio onde tinha de se estar sempre sentado, a olhar uns papéis escritos*, depois por achar melhor ser guerrilheiro que estudante, por não suportar ficar sempre no mesmo lugar. Convencido por Mavinga, Ngunga vai para escola para conhecer o que seria um professor.

Pois julgava que ia encontra um velho com cara séria. No entanto, encontrou um jovem mais novo que o Comandante e que fazia uma coisa que ele não conseguia: LER. Por isso, Ngunga

olhou com mais respeito. Mesmo tendo encontrado o homem que mais próximo chegava ao modelo que havia pensado — professor União —, Ngunga não consegue descobrir a escola como um lugar de libertação nacional, como Mavinga a concebia, pelo menos até o momento em que é preso pelos colonizadores, e não consegue se comunicar com professor União porque não sabia ler e escrever. Assim, a escola passa a ter um outro significado para Ngunga, agora portadora de instrumentos específicos na busca da libertação nacional. Então fará novos esforços para freqüentar uma outra escola, para conquistar tudo aquilo que desejava, destruir as tradições negativas.

Macunaíma, ao contrário de Ngunga, não tem uma segunda possibilidade de estabelecer vínculos com a cultura nacional, pelo menos com relação à Sol, e o que ela simboliza, pois esta não o perdoa, aliás quer se vingar de tal traição, não aceitando as desculpas do *herói*. Talvez, não só por ele ter *brincado* com a portuguesa em sua jangada, criando uma relação com a cultura estrangeira, principalmente por ela não ter conseguido conduzi-lo para uma nova transformação: seu *genro*.

— Si eu soubesse...

— O “si eu soubesse” é santo que nunca valeu pra ninguém, meus cuidados! Você o que é mas é muito safadinho, isso sim! Não te dou mais nenhuma das minhas três filhas não! M. p. 70

A quinta aparição de Vei, a Sol, na narrativa será no capítulo XV, *A pacuera de Oibê*, quando Macunaíma já havendo reconquistado sua muiraquitã das mãos do *doutor Venceslau Pietro Pietra*, o gigante *Piaimã comedor de gente*, e não mais possuindo razão para viver na cidade *macota lambida pelo igarapé Tietê*, retorna para sua terra natal. O herói usa do mesmo

caminho que o levara até São Paulo para retornar ao Uraricoera, mas agora conhecedor das necessidades do homem civilizado, toma *nota das potes que carecia construir ou consertar* [no rio Araguaia] *pra facilitar a vida do povo goiano*. E *as águas araguaias murmuravam chamando a reta da igarité com gemidinho e lá do longe a cantiga peguenta das uiaras*, por isso, Vei, a Sol, dava lambadas de calor em Macunaíma para que ele caísse nas águas do rio goiano, cheio de uiaras, na tentativa de se vingar.

Esta aparição constituirá o primeiro confronto de luta entre Macunaíma e Vei, onde o herói conseguirá, mediante seu poder, a primeira e única vitória contra ela. Recorrendo à autoridade de Imperador do Mato-Virgem, ordena ao séquito imperial de araras que o protegesse da Sol.

Vei, a Sol, dava lambadas no costado relumeado suor de Maanape e Jiguê remeiros e no cabeludo corpo em pé do herói. Era um calorão molhado fazendo fogo e delírio dos três. Macunaíma se lembrou que era imperador do Mato-Virgem. Riscou um gesto na Sol, gritando:

— Eropita boiamorebo!

Analisando a frase que Macunaíma usa para invocar as aves imperiais — Eropita boiamorebo — Cavalcanti Proença alude a vida de Pe. Anchieta, contada por padre Simão de Vasconcelos:

O gesto convocando as aves vem no Padre Simão de Vasconcelos. Numa viagem de canoa, o sol estava queimando. O padre Anchieta falou a um bando de aves: *Eropita de Boiimorebo*, o que quer dizer, “fazer para teus companheiros

aqui sôbre nós”. As aves formaram um toldo e protegeram os viajantes contra o sol.⁵

Paulo Prado, remetendo à exuberância do *Orbe Novo* frente ao europeu, lembra que *Colombo, no seu diário, em 21 de outubro, registra a impressão de deslumbramento diante do esplendor tropical, do cantar dos pássaros, dos bando de papagaios, “que escureciam o sol”*.⁶

Ngunga, diferentemente de Macunaíma, não fará o retorno à sua terra natal, pois não havia mais nenhuma razão para que ele implantasse uma viagem de volta. Ao contrário, ela será de progressão para uma nova escola, retornando seu processo de alfabetização, que havia sido interrompido quando a escola fora atacada pelo colonizador, completando o seu processo de identificação ao final da viagem.

Haroldo de Campos comenta que, *após a recuperação da muiraquitã, Jiguê e Maanape acompanham o herói no seu retorno triunfante ao Uraricoera*.⁷ No entanto, Gilda de Mello e Souza questiona esta postura, para ela Macunaíma não volta de forma triunfal para sua terra natal. Ela argumenta que *de fato a muiraquitã fizera inicialmente o herói feliz no amor e muruiara na caça e pesca; enriquecera também o seu interceptador Venceslau Pietro Pietra (...), uma vez recuperada, acarreta paradoxalmente, depois da luta com o Gigante, a tristeza, a doença, a desolação e por fim a desgraça*.⁸

Transportando esta forma de raciocínio para o livro de Ngunga, talvez se poderia dizer que ele também não volta de forma triunfal, já que não conseguiu salvar professor União. Macunaíma é o Imperador do Mato-Virgem que usa de seu poder para vencer seu novo

⁵ - Cavalcanti Proença. “Roteiro de Macunaíma”. São Paulo: Anhembi, 1955, p. 257.

⁶ - Paulo Prado, “Retrato do Brasil” Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 151.

⁷ - Haroldo de Campos. “Morfologia do Macunaíma”. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 229.

⁸ - Gilda de Mello e Souza. “O tupi e o alaúde”. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 53.

antagonista, Vei. Ngunga se propõe a ir para uma nova escola, com um novo nome para vencer seus antigos antagonistas, as tradições negativas e o colonizador. Estes novos e velhos antagonistas que se estabelecem nas narrativas provocarão em Macunaíma e Ngunga um último processo, que os levará a transformações em diferentes situações.

Macunaíma, com quase todas as personagens da rapsódia, se transforma em estrela, vira a constelação da *Ursa Maior*, sendo essa a última das metamorfoses que direta ou indiretamente Vei, a Sol, irá anunciar. Pode-se pensar que virar astro na cosmogonia indígena brasileira, significa virar tradição, como explica Berriel.⁹ Ngunga, por seu turno, ao mudar de nome, estabelecerá também uma relação com a tradição — ritual de passagem que simboliza sua entrada no mundo adulto — que no entanto, não será inconsciente, com o acontecia anteriormente, mas por motivos racionais e por livre escolha, na tentativa de não só estabelecer uma nova forma de relacionamento com tais situações, que deixavam de ser *traumatizantes* para o neófito, não sendo mais uma simples assimilação das tradições existentes porém, constituindo-se agora de maneira consciente e crítica. Talvez por isso, Ngunga consiga estabelecer um novo vínculo em relação à escola, fazendo com que essa passe a fazer parte da tradição positiva, mas também crítica, para que cada um possa construir seu próprio processo de aprendizagem.

Vei, a Sol, após a tentativa frustrada de vingança para com Macunaíma, quando este retornava à sua terra natal pelo rio Araguaia, organizara uma nova vingança, quando já no Uraricoera, o *herói* sem a proteção dos irmãos, da princesa e da linda Iriqui, tendo apenas como companhia um papagaio e formigas saúvas e já há algum tempo sem poder *brincar*, é morto pela vingarenta. A velha bruaca se valera de dois elementos, que já utilizara antes, para conseguir obter sua vingança, a água e o *brincar*.

⁹ - Carlos Eduardo Ornelas Berriel. “Dimensões de Macunaíma: filosofia, gênero e época”. Dissertação de mestrado. Departamento de Teoria Literária do IEL, UNICAMP, Campinas, 1987, p. 137

Analizando a alegoria da vingança da Sol por Macunaíma não ter se casado com uma de suas filhas, Mário de Andrade comenta que:

Ela que faz aparecer a Uiara que destroça Macunaíma. Foi vingança da região quente solar. Macunaíma não se realiza, não consegue adquirir um caráter. E vai pro céu, viver o *brilho inútil das estrelas*. Um dos elementos sorridentemente amargos da alegoria é o custo, a hesitação de Macunaíma quando deseja se jogar nos braços da Uiara enganosa, com que Vei, a Sol, o pretende matar. Estou me referindo à imagem da água fria, forçosamente fria naquele clima do Urariquera e naquela hora do dia.¹⁰

Levando em consideração as argumentações de Mário de Andrade sobre a alegoria da água fria e do calorão que Vei produz, podemos pensar que, mesmo não conhecendo a civilização européia, Macunaíma vai optar por aceita-la, pelo menos em alguns momentos.

*O banho é, universalmente, o primeiro dos ritos que sancionam as grandes etapas da vida, em especial o nascimento, a puberdade e a morte.*¹¹ Como se vê, Macunaíma passa por todos esses rituais em seu processo de transformação, sempre ajudado por Vei, que se utiliza constantemente desse elemento, que *fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência*.¹²

Vei aproveita de mais uma situação comum à vida de Macunaíma pra concluir sua vingança, pois já havia algum tempo que o herói não brincava, por isso, *ela escorregava pelo corpo de Macunaíma fazendo cosquinhas, virada em mão de moça*, deixando-o cheio de vontade

¹⁰ - Mario de Andrade. "Quinzenário de Literatura e Arte", citado por Berriel, op.cit., p. 18.

¹¹ - Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. "Dicionário de Símbolos". Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 119

¹² - idem, ibidem, p. 15

de *brincar com a moça morena, coradinha que-nem a cra do dia*, que era a Uiara. Macunaíma não resiste ao desejo de brincar com a *cunhã lindíssima*, aliado à vontade, sempre existente, de se banhar em águas frias, o que faz com que ele perca sua muiiraquitã e vá para o céu ser brilho inútil.